

Da chegada a institucionalização: os primeiros passos do futebol pernambucano.

EDUARDO JOSÉ SILVA LIMA*

Como produto social, o futebol revela características da sociedade a qual pertence, suas mudanças ao longo do tempo expressam também mudanças sociais específicas. A título de ilustração podemos tomar como exemplo a popularidade que o futebol alcança no Brasil, aportando aqui vindo em navios luxuosos, nas mentes de jovens estudantes abastados que o acolheram na Inglaterra. Com o tempo, tal esporte, é “roubado” pelas classes populares que se torna praticante assídua do futebol, adaptando-o a suas particularidades e limitações sócio-econômicas.

O futebol chega a Recife em um período histórico específico, em um contexto histórico que proporcionou tal expansão do esporte. A expansão deste esporte pelo mundo está ligada a expansão do império inglês, como também do processo capitalista de produção. No Brasil é trazido por jovens da elite que o conheceram na Europa, pois muitos lá estudavam, portanto nos seus primórdios é um esporte da elite e sendo praticado como forma de distinção social, como afirma Sevcenko em sua reflexão sobre o papel dos esportes no Rio de Janeiro do início do século XX:

“Nesse contexto o esporte, e tudo o que traga as suas conotações, se torna de fato um dos códigos mais expressivos para estabelecer os signos de distinção social. Ele surgiu elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento do corpo e do *sportsmanship*.” (SEVCENKO, 1998: 575)

Um período marcado pela ânsia de modernização das cidades, baseada nas reformas urbanas ocorridas nos grandes centros europeus, mudaria não só o cenário urbano como o cotidiano dos habitantes destes centros urbanos. Conforme Sevcenko ser “considerado moderno implicava necessariamente relacionar-se com a tecnologia e ter atitudes individualistas, como também uma associação a símbolos cosmopolitas, em especial aqueles que conotam origem européia consolidando a prática de ser chic e snob”(SEVCENKO 1998: 580). É, portanto, neste contexto que o futebol chega ao Brasil um ambiente aberto à prática europeias que as absorvia como modernas e como uma forma de distinção social.

O recorte histórico deste trabalho tem seu início em 1905 quando é oficializado o primeiro clube pernambucano que reserva um departamento de esportes terrestres com objetivo de promover esportes como futebol, críquet, rugby e tênis, este é o Sport Clube do Recife. O marco final é o ano de 1915 quando há um processo bem sucedido de institucionalização do futebol com a criação da Liga Sportiva Pernambucana-(LSP). Instituição esta que organizará campeonatos anuais disputados por seus filiados.

Este artigo encontra-se dividido em dois momentos. No primeiro momento a discussão será pautada pela chegada do futebol na capital pernambucana e de como essa exportação do futebol se insere no processo da expansão do sistema capitalista de produção pelo mundo, tendo como seu representante máximo a Inglaterra. No segundo momento pretendo analisar o caminho que percorre o futebol no Recife, a formação dos clubes, o aumento do interesse por parte da população, a busca por um espaço dentre os praticantes de esporte, todo esse processo culminando na institucionalização do esporte em Pernambuco com a fundação da Liga Sportiva Pernambucana. Esta será a organizadora e definidora dos rumos do futebol no Recife.

Da chegada e expansão (1905-1909)

É importante lembrar que as últimas décadas do século XIX transformaram de forma decisiva as práticas esportivas, desde invenção de novos esportes, como também institucionalização dos já existentes, conferindo, com isto, destaque a alguns esportes como o futebol e o rugby. O futebol moderno nasce na Inglaterra em 1863, quando surge o *football association*, ditando as primeiras regras do esporte, regras estas baseadas em conceitos morais e sociais da sociedade inglesa. Um exemplo é o *off side* que é considerado ilegal para o esporte, pois tirar vantagem da posição em campo visando o gol era imoral. Portanto, diante do contexto brasileiro, jogar foot-ball era moderno e atual, assim, logo se tornou um esporte muito popular entre a classe média burguesa. Com destaque para os estudantes, principalmente os universitários.

O futebol inicia sua expansão pelo mundo em fins do século XIX e início do XX, principalmente pela Europa e América Latina. Momento muito particular nestas regiões, pois estas estavam formulando e reformulando suas fronteiras econômicas e culturais. Também neste contexto as cidades iam ganhando novos habitantes, muitos vindos dos

campos ou imigrantes em busca de melhores condições. Com essa nova população, novas demandas foram criadas nas cidades e um processo de modernização foi iniciado. Neste estava incluso urbanização e industrialização dessas cidades, contando inclusive com mão de obra de imigrantes.

Há uma relação muito próxima entre a formação da cidade moderna com a expansão e consolidação do futebol, ambas são frutos colhidos da modernidade esta definida por Berman desta maneira:

“O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão.” (BERMAN 1986;16)

A fala de Berman caracteriza de maneira única a imagem da cidade moderna, esta serve de cenário para a prática do futebol. Em Recife há a peculiaridade da cidade ainda esta em formação, objetivando justamente este ideal de cidade moderna. Projetos de modernização da capital pernambucana existem desde o final do século XIX, contudo estes só serão colocados em prática na primeira década do século XX, como veremos no adiantar destas linhas.

No tocante a questões políticas do final do século XIX, há segundo Hobsbawn , “um marcante processo de invenção de tradições políticas geradas pelo estado com objetivo de manter uma ordem social. Três elementos foram de fundamental importância na constituição desta construção: educação primaria secular, cerimônias públicas e a produção de monumentos públicos” (HOBSBAWN, 1984: 306-307). O

esporte, principalmente o futebol, se encaixa nesse processo por se tornar cada vez mais uma febre entre as classes trabalhadoras. Como muitas cidades iam se modernizando se tornavam um espaço de sociabilidades para diversos grupos sociais que lá interagiam. Portanto, o desenvolvimento capitalista é um dos pilares da mercantilização do futebol.

Fim do sistema escravocrata, revolução industrial, chegada dos imigrantes, expansão do sistema capitalista atingindo os engenhos que logo se transformarão em usinas, novas demandas sociais sendo criadas, discursos higienistas e sanitaristas, era esse o cenário no Recife dos primórdios do século XX. Foram essas mudanças científicas, tecnológicas e sociais que desestruturava a antiga ordem social, construindo-se uma nova: moderna. Era diante desse quadro que voltavam os filhos da aristocracia açucareira educados na Europa.

Recife é imersa de militantes positivista que defendiam arduamente uma reforma urbana na cidade. Na verdade eram ideias defendidas em vários locais do país, o próprio presidente da nação em 1902 Rodrigues Alves realizava grande reforma urbana na capital federal baseado em discursos positivistas e modernizantes. No Recife não seria diferente, os clamores eram muito parecidos com os do Rio de Janeiro. Avenidas largas, serviços de infra-estrutura básica, como esgoto e transporte. Existia um ideal de cidade perfeita muito comum a modernidade, como se fosse possível manipular o tempo e cristalizar os movimentos de uma cidade baseados em um argumento único. “Essa idéia de refundação e reordenamento, mas também de manipulação e controle, percorre intimamente a inteira concepção de cidade moderna.” (DECANDIA, 2003:183) Esse era o sentimento no Recife do início do século XX, mudança, reordenamento, limpeza social etc.

Essa febre modernizante ataca o Recife, inúmeras medidas foram tomadas para “reconstruir” a cidade, alargamento de ruas, saneamentos de quarteirões, derrubada de casebres e de imóveis considerados insalubres, enfim era construída uma nova face para cidade. Esta institucionalmente orientada já que a venda dos lotes, antigas casas desapropriadas, estava ligada a um modelo de construção. Assim para se tornar dono do lote era necessário prometer e comprovar que cumpriria as exigências impetradas pelo estado, estas exigências se referiam a modelos dos imóveis, descrição de medidas e detalhes de acabamento, tudo baseando em modelos arquitetônicos utilizados na reforma urbana do Rio de Janeiro, a então capital da república.

A Inglaterra detinha seus tentáculos imperialistas por todo globo. Todavia, tal relação não se detinha apenas a aspectos econômicos, podemos discutir também um imperialismo cultural. Como em diversos espaços do planeta no início do século XX, Recife acolhia algumas empresas inglesas que cumpriam um papel fundamental no processo de modernização da cidade. Como centro cultural, a Inglaterra se ligava intelectualmente ao Brasil, no sentido de que muitos jovens brasileiros foram enviados a cidades inglesas buscando uma educação mais qualificada. Esses jovens voltavam imbuídos de ideais modernos e discursos produzidos e reproduzidos por toda Europa.

Os ingleses tiveram participação marcante no processo de modernização da cidade do Recife na primeira metade do século XX. Esses tinham espaço em diversos setores sociais no comércio, na indústria, nas concessionárias de serviços públicos, inclusive criando espaços de sociabilidades próprios como pensões, igrejas, cemitérios e clubes. Muitos destes ingleses aportaram em Recife e participaram de transformações importantes na cidade. Com esta forte presença inglesa na cidade não é surpresa que os ingleses sentiram necessidade de criar pedaços de sua terra no Recife. Locais onde pudessem ser celebradas tradições inglesas, assim foram surgindo pensões, clubes sociais, clubes de futebol, geralmente ligados as empresas, hospitais e até um cemitério. Dentre todos esses espaços de sociabilidades nos deteremos em particular ao Pernambuco *British Club* fundado em 1906. Depois da fundação do Sport Club do Recife, em 1905, foram muitos os *match's* no campo do *British Club*, como era chamado. Esta participação dos ingleses na formação do futebol pernambucano vai totalmente de encontro com a afirmação de Hilário Franco Junior em seu livro *A Dança dos Deuses*, segue Hilário:

“Os ingleses, espalhados pelo mundo devido ao vigor de seu império, procuravam ali jogar futebol apenas entre si, resistindo à participação dos nativos. Estes é que passaram espontaneamente a imitar aquela prática esportiva, demonstrando que ela refletia valores profundos de muitas sociedades, não apenas a Grã- Bretanha.” (FRANCO JUNIOR; 2007: 29)

O caso recifense põe a baixo esta teoria de imitação simples e pura dos nativos a hábitos ingleses. Houve sim, uma apropriação do esporte pela população local, isso ocorreu através de um processo de expansão do esporte, quando este, saí dos quintais das casas inglesas, para campos aberto ao público.

O futebol aporta em Recife por volta de 1903. Este, segundo Givanildo Alves, foi trazido na bagagem, junto com outros esportes como o *Rugby* e o *Criquet*, do jovem Guilherme de Aquino da Fonseca quando o mesmo volta do *Hooton Lown School*, onde havia estudado por cinco anos. Em sua volta Guilherme, encantado com o espírito esportivo de seus companheiros de estudos, traz consigo uma bola, meiões, camisas e outros materiais utilizados na prática do *cricket*, *rugby*, *tênis* e do *foot-ball association*. Portanto sua idéia não era somente inocular o vírus do futebol, mas sim de diversos outros esportes europeus, ou seja, modernos. Não podemos interpretar Aquino como o herói do futebol pernambucano, ele apenas era um entusiasta do esporte e tentava praticá-lo também em Recife. Encontrou outras pessoas com o mesmo objetivo que acabaram se organizando e construindo um campo esportivo na cidade.

Na cidade só existiam dois clubes esportivos: Club Internacional de Regatas e Clube Náutico Capibaribe. O primeiro em sua fundação se destinava a ser um clube de regatas, mas em seu novo estatuto de 1906 mudava de nome para Club Internacional do Recife, mudando também de função. Abandonava as regatas e agora vivia de bailes esporádicos e jogos de cartas, tornando-se, assim, apenas um clube de lazer social.

Já o Náutico foi fundado em 1901 por jovens que compunham o Recreio Fluvial. Este era um clube de Remo amador que esporadicamente se apresentava na cidade, geralmente em períodos festivos. Suas atividades remontam ao final do século XIX. Com o tempo o Recreio Fluvial entra em crise e os seus sócios sentem a necessidade de formar outra agremiação, com isso, em 1901, nasce o Clube Náutico Capibaribe. Este tinha como maioria de seus associados membros da elite agrária pernambucana. Devido à decadência do Internacional o Náutico fica sem adversários nas regatas e estas serão cada vez mais esparsas.

Como se percebe Aquino e seu grupo teria uma tarefa difícil, mas historicamente apropriada, pois diante desta apatia esportiva novidades seriam bem-vindas. Outro ponto que favorecia era o contexto histórico, momento de formação dos centros urbanos, assim, não se tinha muitas raízes ou tradições fortemente construídas. Recife era uma cidade repleta de imigrantes além dos ingleses havia os franceses, norte-americanos, os já recorrentes africanos, portugueses e holandeses além dos imigrantes que chegavam pós-escravidão, enfim uma miscelânea completa. Alguns jovens já conheciam o futebol, jovens que tiveram a experiência do jogo na Europa, mas nem

todos foram favoráveis à ideia de transpor o esporte Bretão as terras recifenses. Muitos não tiveram permissão dos pais, ou se encolheram diante das negativas reações iniciais. Curiosos enxergavam o ridículo ao verem homens de calção correndo atrás de uma bola.

Já em 1904 é realizado o primeiro *match* que se tem notícia em Pernambuco. Guilherme de Aquino reuniu onze jogadores e convidou para o embate o time da Great Western formado por empregados desta companhia, não se tem notícia do resultado da partida, mas se sabe que foi o pontapé inicial do esporte na cidade. Em entrevista cedida ao Diário da Manhã, jornal que circulava em Recife, de 13 de maio de 1938, Guilherme conta que os *sportmens* do Recife se reuniam numa luxuosa casa de modas da cidade a “Casa MetrÓpole” e lá discutiam a vida esportiva da cidade e dessas inúmeras discussões surge a ideia de fundar um clube esportivo que comportasse além de esportes aquáticos, os esportes terrestres. Assim nasce o Sport Clube do Recife. Três dias depois de sua fundação o Sport tem sua primeira notícia na imprensa, publicada no periódico recifense Jornal Pequeno que dizia: “Oxalá que o Sport Club do Recife progrida, pois vêm preencher uma das maiores lacunas da nossa sociedade: falta absoluta de distração” Notícia que reafirma a apatia esportiva descrita em linhas anteriores. No dia 28 de Maio, os rapazes rubro-negros se reuniram agora para formação de sua diretoria que teve como presidente Elysio Alberto Silveira e Guilherme de Aquino como diretor de esportes terrestres, dentre outros cargos.

Os jogos de futebol foram esporádicos neste início em Pernambuco, de 1905 a 1909 o Sport realiza apenas três jogos oficiais, no entanto isso não significa que o clube não era ativo. Além dos outros esportes praticados pelo clube, como o remo, havia os “ensaios”, o que hoje seriam os treinos. Esse hiato entre os *match's* deve-se a falta de adversários, antes de 1909, quando o Clube Náutico Capibaribe adere ao futebol, não havia outros clubes na cidade então as atividades futebolísticas estavam reduzidas a jogos com funcionários das companhias inglesas instaladas em Recife. Em 1909 o Clube Náutico Capibaribe insere o futebol no *hall* de suas atividades. Segundo Givanildo Alves o Náutico só adere o futebol, pois muitos dos seus sócios estavam praticando este esporte com os sócios do Sport na Campina do Derby. Com isso tradicionais adversários nas regatas, agora também se enfrentarão nos campos de futebol.

Estudar a chegada do futebol em Recife seu contexto histórico é de grande importância para história da cidade. O futebol, como os esportes em geral, dialoga, em suas práticas, com questões intrínsecas à sociedade. As práticas desportivas revelam características próprias da sociedade a qual pertencem. No caso do Recife, podemos usar como exemplo o fato do Sport Club do Recife e o Clube Náutico Capibaribe, estes que tem em suas origens uma ligação com as elites pernambucanas, só jogarem entre si ou contra selecionados ingleses. Demonstrando uma opção das elites de não se misturarem e terem seu espaço de lazer reservado.

Da expansão a institucionalização (1909-1915).

Nesta parte do texto pretendo discutir o processo de expansão do futebol recifense, este processo tem seu início com a adesão do Clube Náutico Capibaribe ao esporte, como também a formação de vários clubes suburbanos demonstrando, assim, uma popularização do esporte. O náutico adere ao futebol em 1909 quando altera seu estatuto inaugurando um departamento de esportes terrestres. A partir de 1910 são vários os clubes que vão surgindo, esse processo de popularização, em nosso entendimento, fecha-se em 1915 quando é instituída a Liga Sportiva Pernambucana – LSP. Depois da fundação da LSP o futebol recifense passará por outras discussões, como a peleja entre profissionalismo e amadorismo, visão capitalista do esporte, campeonato de seleções estaduais, enfim, várias outras questões que esse trabalho não abarcará.

Como já foi descrito acima a cidade do Recife vivia um marasmo esportivo, haviam as regatas esporádicas, mesmo que a situação destas tivesse melhorado já que desde 1905 o Náutico tinha o Sport como adversário e principal rival. A estréia do Náutico no futebol foi em um jogo contra seu principal adversário nas regatas, o Sport.

“É amanhã, às 4 horas da tarde e no magnífico campo do British Club, que se realizará o match ansiosamente esperado, entre Sport Club Recife e o Clube Náutico Capibaribe, em consequência do desafio que há dias este fez áquele.

É a primeira vez que sob as respectivas bandeiras dos dois importantes e sympatizados clubs athleticos desta capital, se effectuará aqui um match de futebol e, por conseguinte, é fácil avaliar o grande interesse que o mesmo tem

despertado em o nosso meio sportivo, onde se discute o resultado do encontro com entusiasmo ainda não observado em Pernambuco!

Ultimamente aqui tem progredido o foot-ball, que, sem contestação, amplamente tem contribuído para solidificar ainda mais as relações entre brasileiros e ingleses, em benefício não só da harmonia que sempre existiu entre dois povos amigos, como também na cultura phisica, tão necessária ao organismo humano! Oxalá que d'ora em vante este entusiasmo pelos exercícos athleticos ao ar livre fiquem diffinitivamente implantados aqui; que a nossa mocidade compreenda bem a necessidade vital que existe na pratica dos jogos sportivos e que, para ser um verdadeiro sportman, nunca se esmorece, acceitando-se um insucesso com resignação e calma, sem contudo, perder a esperança de novamente poder medir forças com adversários.

Certamente amanhã o British Club terá concorrência desusada. Consta-nos que o Dr. Herculano Bandeira e General Belarmino de Mendonça comparecerão ao esplêndido certamen sportivo.

O kick off será dado às 4 horas da tarde pelo **referee** Sr. Thomas Wright.

Foram esses os teams organizados:

TEAM DO CLUBE NÁUTICO:

Goal keaper: H.King; **Full Backs:** E.Montagne Smith e H.A.R.Avila; **Half Backs:** R.Ramage, F.M.Ivatt, e John Cook; **Forwards:** A.Silva, H.Grant Anderson, R.Maunsell, D.Thomas e Joao Maia. **Reservas:** Mac Pherson; **Line's man:** A.Chalmers.

TEAM DO SPORT CLUB:

Goal Keeper: L.Latham; **Full Backs:** N.D.T.Oliver e W.H.Muller; **Half Backs:** Frank Fellows; W.Pickwood e Willie Robinson; **Forwards:** Alberto Amorim, S.T.Marsh, L.Griffith, C.Chalmers e J.Amorim Jr. **Reservas:** O.Von Shostren e A. Lundgren; **Line's man:** Guilherme Fonseca.

Do team do Sport sera o capitão o Sr. L.Griffith, e do Club Náutico o Sr. R.Maunsell, ambos center forwards dos respectivos elevens, as forças dos quais estão bem equilibradas, assim que difficilmente se poderá predizer a qual delles pertencerá a vitoria.

Tocará durante a partida uma banda do regimento policial.

Após o jogo terão bonds no final da linha Fernandes Vieira e um trem partindo da frente do portão do British à 5 e 40 para o Recife.” (Jornal Pequeno 24 de Julho de 1909)

Partindo desta notícia podemos fazer diversas reflexões. Chama atenção a extensão da notícia, muito longa para os padrões esportivos da época. A extensão da noticia está

intimamente ligada ao desejo dos escritores de desenvolver o futebol na sociedade recifense. Sendo este um legítimo representante dos valores ingleses, expressando a “harmonia” existente entre os dois países como também uma forma de disciplinarização do corpo, ideal típico de uma sociedade burguesa, no caso do Recife, ainda incipiente.

Uma questão bastante relevante é a participação efetiva da comunidade inglesa na implantação do futebol no Recife. Esta questão foi levantada na seção anterior, mas agora pretendo realizar uma discussão efetiva referente a esta participação. Basta um olhar rápido pela escalação dos times que percebemos uma intensa participação de ingleses nos esportes. Estes ingleses se associavam aos clubes e detinham um amplo prestígio entre os praticantes de futebol, por isso esta imensa participação. Outro fator interessante é que o campo do British Club, um clube de ingleses no Recife, era um palco para os match's, o outro era a Campina do Deby, só que o campo dos ingleses tinha a vantagem da possibilidade da cobrança de ingressos por ser um campo murado. Percebemos também toda pompa do evento que contou com apresentação da banda militar e um grande esquema de transporte público para a população.

Para ratificar a importância da comunidade inglesa no início do futebol pernambucano segue a notícia publicada no jornal pequeno do dia 12 de Maio de 1910:

“De conformidade com a tabela organizada pela direção do British Club para os matches de foot-ball e críquet, desta estação, cabia a partida de amanhã ao Club Náutico e Sport Club, na disputa de um match de foot-ball. Este deixa se realizar em atenção aos sócios ingleses do Náutico e Sport, devido estar enlutada a colônia pelo falecimento do Rei Eduardo VII. Será brevemente anunciado o dia deste match.”

Percebemos, assim, que o falecimento do Rei Eduardo VII alterava todo o calendário de esportivo da cidade. Ratificando também a participação efetiva dos ingleses no quadro de associados dos clubes de futebol existentes, Náutico e Sport.

O ano de 1909 é marcante para o futebol pernambucano, pois além da entrada do Náutico para o futebol, muitos outros times surgiram na cidade, contudo nem todos com o status de Náutico e Sport. Percorrendo as notícias dos jornais da época observamos o nascimento de vários clubes como Olinda Club, Brazilian foot-ball Club, Parnamirin Club, Velox, Salesiano este ligado a famosa escola dos padres das ordens Salesiana, Olinda Athletic Club dentre outros. Como também aparecem nos jornais espaços

alternativos destinados a prática do futebol como o campo da escola Salesiana, campo da Liga Potiguar, campo de Sant'ana e o Centro de Diversões Magdalense.

Neste momento é iniciado o processo de constituição de um campo esportivo na cidade do Recife. A própria cidade passava por um grande momento de mudança, os apelos por transformações urbanas iniciados no século XIX passam a ser atendidos. Neste mesmo ano de 1909 era iniciada uma reforma no cais do Porto que se alastraria ao centro da cidade. Esta foi baseada na reforma do Porto do Rio de Janeiro e obteve ajuda financeira do governo federal para ser concretizada.

Ao chegar no centro da cidade a reforma urbana veio acompanhada de uma reforma sanitária. Em nome desta, inúmeras casas, cortiços e pensões consideradas insalubres foram postas a baixo. O discurso sanitarista tinha na sua base fundamentos financeiros. A ideia por trás da desapropriação deste ambientes era criar uma cidade ideal e nesta não havia espaço para a “arraia miúda”.

Esta mesma população que vai sendo empurrada para longe do centro da cidade, vai criar seus espaços de sociabilidades em novos locais suburbanos. É possível estabelecermos uma relação entre a criação de clubes afastados do centro da cidade com essa nova população que vai sendo agregada aos subúrbios recifenses. O futebol, esporte tão ligado a elite pernambucana e a comunidade inglesa, estava agora sendo praticado pelas classes menos abastadas em ruas, praças e campos improvisados.

Alheios a este crescimento do campo esportivo, Sport e Náutico se posicionam de maneira indiferente a este processo. Durante o período de 1909 a 1915 o Sport jogou 28 vezes. Estes jogos foram caindo gradativamente ano a ano em 1909 foram 10 jogos, em 1910 foram 8 jogos, em 1911 foram 7 jogos, em 1912 não houve nenhum jogo, em 1913 foram 2 jogos, em 1914 apenas um match e finalmente em 1915 o Sport não disputou nenhuma partida. Já o Náutico teve no mesmo período disputou 21 jogos em 1909 foram 4 partidas, em 1910 foram 8 jogos, em 1911 foram 6 partidas, em 1912 não houve jogos disputados, em 1913 foram apenas 2 jogos, em 1914 não houve jogos, por fim em 1915 apenas um jogo.

Estes números em si revelam pouca coisa, apenas que não havia uma intensa prática futebolística. Contudo ao analisar as fontes jornalísticas onde foram obtidas essas informações mostra que um grupo de equipes só jogava entre si. O Clube Náutico Capibaribe e o Sport Cube do Recife só jogavam entre si e contra times de empresas

inglesas, eram estes: London Bank; Wester Telegraph; Norseman; Great Western BR; British Club. Este grupo de equipes revezavam os adversários entre si, mas como não havia um calendário específico o número de jogos variava ano a ano, mas percebemos um período decrescente de jogos entre 1911 e 1915. Um motivo para esta inconstante variação do número de jogos e que mesmo para estes clubes o futebol ainda estava em segundo plano. O principal esporte destas agremiações ainda era o remo. As regatas tinham grande espaço na imprensa e eram aguardadas com ansiedade. Seus resultados consumiam grande parte das colunas esportivas por dias. A chegada de uma nova embarcação era digna de uma grande cobertura da imprensa comparável a chegada de um grande jogador aos nossos dias.

Esta instabilidade nos grandes clubes da cidade, em relação à frequência dos jogos, é inversamente proporcional ao crescimento de clubes menos abastados. São inúmeros clubes que aparecerem de forma fugaz e em muitos casos desaparecem da mesma maneira. O importante é percebemos o fenômeno de forma geral e ampla. O boom de clubes que acontece é uma reivindicação popular, uma adaptação da prática esportiva aos condições sociais possíveis a essa população. Para a elite pernambucana jogar futebol era como tomar o chá das cinco ou utilizar roupas francesas, eram hábitos culturais construídos socialmente que visavam uma distinção social

As classes menos abastadas perceberam que poderiam adaptar o esporte a sua vida social. Seus jogos não contavam com a banda da polícia militar, mas ganhava espaço nos jornais, pois havia uma preocupação em incentivar a prática do futebol como meio de disciplinarização do corpo. Havia um ambiente propício e fecundo para esse novo esporte que dependia menos de uma condição social do que o remo e o turf, por exemplo, que o material para prática tornava inviável o esporte para as classes populares.

Este boom de agremiações esportivas iniciou um processo que culminaria na institucionalização do esporte. Antes da criação da Liga Sportiva Pernambucana existiram suas tentativas mal sucedidas de formação de uma instituição responsável pela prática do futebol.

A primeira tentativa ocorreu em Fevereiro de 1912, sob a presidência do então conhecido sportman Sr. Eugênio Silva foi fundada a Liga Pernambucana de Foot Ball. Filiados a estas associações estavam as seguintes agremiações: Internacional F.C;

Minas Gerais F.C; Riachuelo F.C; Brazil F.C; e Peres F.C. esta instituição teve pouco tempo de vida. Algum tempo depois de seu nascimento a diretoria renunciou e esta teve suas atividades encerradas, os jornais não descrevem bem o que ocorreu nos bastidores, mas o que é claro é que esta instituição não contava com grande apoio.

A segunda tentativa ocorreu em agosto de 1913 com a criação da também chamada Liga Pernambucana de Foot Ball que chegou a organizar um campeonato pernambucano de futebol do qual participaram: Recife Club; Pernambuco Sport Club; Sport Club Olindense; Olindense Foot-ball Club e Caxangá Foot Ball Club. Esta teve uma vida um pouco mais longa que sua antecessora, as informações dos jornais relatam que a fase de retorno do campeonato chegou a ser iniciada, contudo não teve fim.

O ano de 1914 é marcante em Pernambuco, pois nasce um dos seus maiores times, o Santa Cruz Futebol clube no dia 3 de fevereiro. Este nasceu da cabeça de jovens garotos que costumavam se reunir no pátio da Igreja de Santa Cruz para conversar e jogar futebol. O nome do clube foi em homenagem a igreja, e as cores iniciais eram o preto e o branco.

Em 1915 a cidade do Recife vivia sob os auspícios da modernidade, energia elétrica, bondes elétricos, etc. O novo século mudava a paisagem urbana do Recife, como também os aspectos culturais da cidade. O futebol ganhava mais espaço a cada pôr do sol. O futebol iniciado oficialmente há dez anos, havia se alastrado pelos mais diversos espaços sociais.

É também no ano de 1915 que haverá mais uma tentativa de criar uma instituição reguladora do futebol. Um dia, após um treino do João de Barros (futuro América Football club), um time de jovens do bairro do mesmo nome, se uniram com objetivo de fundar uma entidade, a Liga Sportiva Pernambucana, que diferente das tentativas anteriores obtivesse sucesso. No dia 16 de junho de 1915, o Diário de Pernambuco anunciava o importante encontro dos dirigentes para a criação da tão sonhada liga.

“Hoje, às 18 horas, haverá reunião das comissões representativas dos clubes esportivos desta capital, a fim de discutirem o melhor de organização de uma liga de futebol. Pede-se o comparecimento das comissões de todos os clubes à dita reunião, que se efetuará na Estrada de João de Barros, número 19-A.”(Diário de Pernambuco 16 de Junho de 1915)

A atitude dos jovens do João de Barros de avisar a imprensa desta reunião parece uma atitude mais democrática visando fortalecer esta incipiente instituição. O grupo obteve

sucesso, pois houve uma efetiva participação segundo a ata da reunião observamos o sucesso da reunião.

“Conforme fora previamente anunciado, efetuou-se no dia 16 de junho do fluente, a reunião promovida pelo João de Barros Futebol Clube, para tratar-se da organização de uma liga que, promovendo torneios e campeonatos, desenvolva o futebol em nosso meio. Fizeram-se representar na reunião, os seguintes clubes desta Capital: João de Barros Futebol Clube, Centro Sportivo Peres, Sport Clube Flamengo, Santa Cruz Futebol Clube e Agros Sport Clube Socorro. (Diário de Pernambuco 16 de Junho de 1915)

Nesta reunião foi aclamada uma diretoria provisória que deu início a um processo eleitoral que teve seu fim no dia 07 de Julho de 1915, praticamente um mês depois de sua fundação. A Liga Sportiva Pernambucana tem como seu primeiro presidente eleito o Sr. Alcebíades Braga que era também presidente do Flamengo Sport Club, um dos clubes fundadores da liga.

Não perdendo tempo a Liga Sportiva Pernambucana promove, já no seu primeiro ano de fundação, o primeiro campeonato pernambucano da história. O campeonato teve seu início no dia 01 de agosto de 1915 com a partida entre Santa Cruz e Coligação Recifense, apresentou como partida final o jogo entre Torre e Flamengo no dia 12 de dezembro de 1915. Os seguintes clubes participaram do primeiro campeonato pernambucano: Santa Cruz; Flamengo; Torre; João de Barros (América); Coligação Recifenses; Centro Esportivo Peres.

O campeonato de 1915 foi peculiar, pois na metade de seu curso sofre uma interrupção devido à excursão do América do Rio de Janeiro pelo Recife. Após a excursão o campeonato sofre duas mudanças. A primeira é a alteração do regulamento, com intuito de encurtar o campeonato os jogos de volta foram excluídos e a decisão foi feita em um triangular que contava com os três melhores times da primeira fase foram eles: Santa Cruz, Torre e Flamengo. A segunda, e curiosa, mudança foi a alteração do nome de uma das agremiações, o antigo João de Barros muda de nome para América Foot-ball clube em homenagem ao América do Rio de Janeiro e seu dirigente Belfort Duarte.

O campeonato de 1915 deu inicio a série de campeonatos pernambucanos que acontecem até os nossos dias de forma ininterrupta ano após ano. O primeiro campeão pernambucano foi o Flamengo que logo depois desapareceu do mapa esportivo da

cidade. Percebemos a ausência dos clubes tradicionais como Sport e Náutico, talvez nutridos de uma desconfiança de experiências passadas, mas já no segundo ano de sua edição em 1916 estes clubes entraram e o Sport conquista seu primeiro título no futebol.

A criação da LSP fecha um ciclo iniciado em 1905, foram dez anos entre a fundação do primeiro clube e a institucionalização do esporte. Essa foi a fase inicial do futebol recifense. Um esporte que entrou em nosso país aliado aos adventos da modernidade e que foi apropriado por diversas classes sociais que a sua maneira praticavam este esporte por diferentes motivos que iam desde a distinção social ao simples amor pela prática esportiva.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Givanildo. 85 Anos de Bola Rolando: Federação Pernambucana de Futebol 1915-1999. Recife: Editora Bagaço, 2000.

_____. *História do Futebol em Pernambuco*. Recife: CEPE, 1978.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportista?* In:_____. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 136-163.

_____, *Programa para uma sociologia do esporte*. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990. P.207-220.

CALDAS, Waldenyr. “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 41-49, jun./ago. 1994.

_____. *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.

CARR, Edward Hallet. *O que é história?* São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CORDEIRO, Carlos Celso; CORDEIRO, Luciano Guedes. *Sport – Retrospecto 1905 a 1959*. Recife: Editora Autor, 2005.

_____. *História do Campeonato Pernambucano 1915 a 1970*. Recife: Editora Bagaço 2000.

_____. *Náutico: Retrospecto de Todos os Jogos 1º volume*. Recife: Editora Bagaço, 2001.

DECANDIA, Lidia. O tempo invisível: da cidade moderna à contemporânea. In: *Margem (PUCSP)*, São Paulo, v. 17, p. 181-195, 2003.

FERREIRA, José Maria. *História dos Campeonatos Pernambucanos*. Recife: Cepe, 2007.

- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LUMBAMBO, Catia Wanderley. *O Bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero*. Recife: CEPE, 1991.
- PARAÍSO, Rostand. *Esses Ingleses...* Recife: Bagaço, 1997.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PIO, Fernando. *Meu Recife de outrora : Crônica do Recife Antigo*. Recife: CEPE, 1969.
- PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs). *Esporte, história e sociedade*. Campinas: Editora autores associados, 2002.
- RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. (4ª Edição) Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Brasileiro, 1981.
- SETTE, Mário. *Arruar: História pitoresca do Recife Antigo*. Rio de Janeiro: C.E.B, 1948.
- SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio in História da Vida Privada Vol. 3*. São Paulo: Schwarcz LTDA, p. 513-619, 1998.
- _____. “Futebol, metrópoles e desastinos”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 30-7, jun./ago. 1994.
- SOARES, Antonio Jorge. “História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro”. In: HELAL, Ronaldo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-50.
- THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.